

CRISTIANA LÔBO

COM
DIANA FERNANDES

O QUE VI DOS PRESIDENTES

FATOS E
VERSÕES



Como o temperamento e a personalidade
de 8 presidentes moldaram seus governos
em 37 anos da democracia no Brasil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. VENDA PROIBIDA.

 Planeta

CRISTIANA LÔBO COM
DIANA FERNANDES

O QUE VI DOS PRESIDENTES

FATOS E
VERSÕES

Como o temperamento e a personalidade
de 8 presidentes moldaram seus governos
em 37 anos da democracia no Brasil

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Cristiana Lôbo e Diana Fernandes, 2023

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023

Todos os direitos reservados.

Preparação: Júlia Braga Tourinho

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Caroline Silva

Projeto gráfico e diagramação: Negrito Produção Editorial

Ilustrações de miolo: Eduardo Foresti | Foresti Design

Capa: Helena Hennemann | Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Lôbo, Cristiana

O que vi dos presidentes: fatos e versões / Cristiana Lôbo, Diana Fernandes. –
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
352 p.

ISBN 978-85-422-2322-4

I. Presidentes – Brasil I. Título II. Fernandes, Diana

23-3890

CDD 923.181

Índice para catálogo sistemático:

I. Presidentes – Brasil

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Kepler Std
e URW DIN e impresso pela Gráfica
Santa Marta para a Editora Planeta
do Brasil em julho de 2023.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Minha mãe se multiplicava	11
Quantas vezes esperei “uns minutinhos” na porta da casa de um político	13
Ela saboreava cada notícia; mais do que isso, saboreava dar a notícia	15
JOSÉ SARNEY – <i>O afável</i>	19
Presidente de direito	19
Horas de angústia	26
Presidente de fato	30
Poder e amizade	33
Economia: o maior desafio	39
Desafio duplo: economia e Constituinte	45
Chegando ao fim	49
FERNANDO COLLOR – <i>O impetuoso</i>	55
Ser diferente	55
Ponto de partida – caçador de marajás	59
Golpe no adversário	63
Outros modos no Planalto	66

O marketing de estampa	69
O <i>ippon</i> que não deu certo	72
Atropelos e ajustes	75
Estilo em xeque	79
A realidade bate à porta – sem notáveis	81
A velha política	85
A batalha mais dura	90
A derrocada	93
Sobe e desce	96

ITAMAR FRANCO – *O mercurial*

As incertezas na chegada	99
O tabuleiro mineiro	104
Voluntarioso e de olho no povo	110
No ringue com ACM	112
No camarote com Lillian	113
O inconformado	114
Travessuras	118
Ministros em série	121
A economia e os economistas	126
CPI e Plano Real	128
Ordem na casa: chama um militar	132
Sempre o mesmo Itamar	134

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO – *O sedutor*

O príncipe e o povo	137
Da academia ao Planalto	141
Senso de humor, vaidade e sedução	147
A realidade do Congresso	152
Mais espinhos	157
Reeleição, compra de votos e “privataria”	159
Duas perdas difíceis	164

O pior momento na economia.....	167
Administrando crises e egos	170
A fama de pão-duro	172
Zelo com a biografia.....	174
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA – <i>O agregador</i>	177
O líder sindical no Planalto.....	177
Construindo “Lulinha paz e amor”	183
A pragmática esquerda do operário	189
Lula sendo Lula	193
O comunicador – sabedoria e deslumbramento	197
Mensalão e reeleição	200
Companheiras e companheiros.....	207
Em treze anos... ..	214
DILMA ROUSSEFF – <i>A autossuficiente</i>	217
Os começos	217
A escolha solitária de Lula	225
Os primeiros gestos moldando o futuro	228
Novo estilo e novas rotinas no Planalto	232
A força e o incômodo da faxina ética	235
Uma outra face	239
O fantasma do mensalão, Lava Jato e reeleição	245
Dilma × Dilma	251
MICHEL TEMER – <i>O articulador</i>	257
O posto cobiçado	257
O cristal trincado quebrou	260
O pragmatismo do protagonista	266
Repeteco – todos na berlinda.....	271
Sobreviventes.....	279

JAIR BOLSONARO – <i>O conflitioso</i>	287
A aposta do capitão	287
Conhecendo Bolsonaro	295
Comunicação própria	305
A pandemia e outros adversários do presidente	312
O pior momento	319
Dobrando a aposta	325
 O teste da democracia – <i>Nunca antes</i>	 337
Agradecimentos	345
Completa e generosa	347
Bravo, Cris!	349
Biografia das autoras	351



Planeta



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JOSÉ SARNEY

O afável

Presidente de direito

Discreto, paciente e tomado pelo receio de ferir suscetibilidades num governo que não era realmente seu, José Sarney agia com delicadeza. Não queria parecer levar o carro adiante dos bois. Os ministros, todos escolhidos por Tancredo Neves, não conversavam com ele. Os compromissos, os segredos, eram do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), partido no qual ele tinha acabado de entrar.

Chegou ao Palácio do Planalto e manteve, naquele início, uma das faces do político que sustentou uma carreira por mais de sessenta anos, sem interrupções: o homem afável, cortês, com humildade para reconhecer seu papel como presidente interino, substituto. Sarney foi um presidente fraco, conforme ele mesmo escreveu em seus diários, mas o oportunismo político, presente em sua longa trajetória, sempre lhe assegurou o poder.

Era um estranho no centro do poder em Brasília quando tomou posse, na condição de vice, como presidente da República em 15 de março de 1985. O titular, Tancredo Neves, estava hospitalizado.

Com apenas um assessor de imprensa, o jornalista Fernando Cesar Mesquita, e um assessor particular, o genro Jorge Murad, Sarney passou a despachar no Palácio do Planalto de forma quase clandestina e sem convocar ministros. Temia desmanchar aquele edifício político montado por Tancredo.

Assim ele viveu alguns meses no poder, totalmente isolado das articulações políticas, não sabendo o que estava se passando. Meses de angústia, de medo. Como descrito por Regina Echeverria em *Sarney, a biografia*, que tem como maior fonte de pesquisa os diários do próprio Sarney, ele se revela um ser humano atormentado pela depressão crônica. Entrou em pânico quando foi informado de que teria que assumir a Presidência da República.

Enquanto Sarney administrava seus medos e anseios, do outro lado da rua, o deputado paulista Ulysses Guimarães, presidente da Câmara, exibia a força da chegada ao poder do PMDB, partido ao qual estava filiado desde 1965 e que presidia desde 1979.

Nas primeiras semanas de Sarney como presidente interino, Ulysses encaminhou uma questão ao então ministro-chefe da Casa Civil, José Hugo Castelo Branco, que respondeu com a prudência do mineiro.

“Vou ver a posição do governo com o presidente Sarney.”

Ao que Ulysses respondeu de bate-pronto:

“O governo somos nós...”

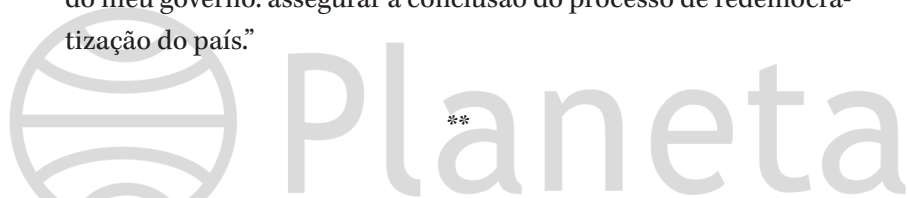
Era assim que os peemedebistas se sentiam: donos do governo. Não apenas os ministros haviam sido escolhidos por Tancredo, mas cargos de segundo e terceiro escalões já estavam preenchidos pelo novo consórcio do poder. Sarney não participara de nada. A ele restava acolher e assinar as nomeações.

Em 1989, na reta final do seu mandato, politicamente isolado e acompanhando à distância os rumos da eleição do seu sucessor, Sarney desabafou para amigos:

“Não tive um único dia de sossego desde a minha posse. O PMDB nunca me perdoou por eu ter chegado à Presidência da República.”

Isolado, magoado e frustrado por não ter conseguido em cinco anos de mandato colocar a economia nos trilhos – pelo contrário, deixou o país com uma inflação na casa dos 80% ao mês –, tinha a convicção de que estava cumprindo o que passou a considerar a principal marca de sua gestão:

“Da mesma forma que fui um presidente paciente e tolerante, terei a força para garantir aquilo que considero a maior das obras do meu governo: assegurar a conclusão do processo de redemocratização do país.”



**

Aos 54 anos, Sarney chegou à Presidência da República porque era o vice de Tancredo Neves, o homem escolhido pelas oposições para encerrar a ditadura militar e que fora eleito indiretamente no início de 1985 pelo Colégio Eleitoral, o nome dado ao conjunto de deputados e senadores que escolhiam o presidente da República.

O Brasil começou a conhecer José Ribamar Ferreira de Araújo Costa, que nasceu na cidade de Pinheiro, no Maranhão, em 24 de abril de 1930. Foi onde ele iniciou sua carreira política e adotou o nome de José Sarney em homenagem ao pai, Sarney de Araújo Costa. O escritor José Sarney, membro da Academia Brasileira de Letras desde 1980, se tornaria nas décadas seguintes um dos mais longevos políticos do país.

Um contemporâneo de afiado espírito crítico definiu com alguma precisão o vice, que despencou por uma armadilha do

destino na cabeça dos brasileiros: “Sarney tem um pé no mundo e outro no cangaço”.

Ele entrou com os dois na Presidência da República. Passaria cinco anos se equilibrando entre atitudes e comportamentos que iam da cordialidade à agressividade típica dos coronéis que fizeram fama na política brasileira na primeira metade do século passado.

Políticos de longa convivência com Sarney têm palpites variados sobre seu perfil. É, ao mesmo tempo, um político nacional e um político do Maranhão; são dois, bem diferentes, diz um dos amigos. Outro arrisca: é o mais astuto dos políticos de sua geração, sabe onde reside o poder.

Quase uma unanimidade é a opinião sobre o Sarney do trato pessoal: carinhoso, afetivo, atencioso e sensível aos problemas dos que estão ao seu redor. É também considerado um companheiro leal. Características que soube explorar bem, com uma boa dose de pragmatismo, no exercício da política.

Naquele momento delicado do início de 1985, quando o país foi surpreendido da noite para o dia com a internação do presidente que tomaria posse, Sarney deixou de lado o estilo mais agressivo que praticava na luta partidária, conhecido especialmente pelos aliados do Maranhão e companheiros de partido.

Menos de um ano antes, o episódio de sua renúncia à presidência do Partido Democrático Social (PDS) – o partido que dava sustentação à ditadura militar – ilustrou bem o modo de agir do político forjado na tradição coronelista. Diante da divisão partidária e das hostilidades disparadas pelos adversários na disputa pelo comando da legenda, Sarney foi para a reunião armado com um revólver de calibre 38 na cintura. Era o Sarney do “pé no cangaço”. Seus amigos minimizaram o ocorrido: era uma arma velha, sem bala. Mas, sem dúvida, foi um gesto revelador e simbólico.

Este não era o perfil de presidente que o Brasil de 1985 desejava. E Sarney sabia disso. Mais do que um presidente conciliador, o país

aspirava por mudanças na política e também na economia. Só nos dois primeiros meses de 1985, a inflação bateu 24%. No ano anterior, em negociação com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o governo militar fez sucessivas promessas de ajuste fiscal e assinou sete “cartas de intenção”. Nenhuma cumprida.

Na política, o ambiente começava a desanuviar, a despeito de em 1984 o Congresso ter rejeitado a volta das eleições diretas para presidente da República, mesmo ciente do desejo da sociedade por mudança. A multidão nas ruas dos grandes centros – São Paulo e Rio de Janeiro colocaram mais de um milhão de brasileiros nos comícios pelas Diretas já! – não sensibilizou deputados e senadores. Faltaram 22 votos para aprovar a chamada Emenda Dante de Oliveira, nome do deputado (PMDB-MT) que apresentou a proposta.

O resultado dessa votação mostrou à oposição que para acabar com a ditadura e chegar ao poder era necessário se aproximar de dissidentes do regime militar, de políticos como os senadores Marco Maciel (PE), Jorge Bornhausen (SC), Guilherme Palmeira (AL) e José Sarney, entre outros.

Esse grupo do PDS não aceitava a candidatura de Paulo Maluf à sucessão do presidente João Baptista Figueiredo, o último dos ditadores, e criou a Frente Liberal (mais tarde, Partido da Frente Liberal – PFL), que formou junto com o PMDB a Aliança Democrática, vitoriosa no Colégio Eleitoral.

A escolha de Sarney como vice se deu após complexas negociações envolvendo políticos de diferentes grupos e de estados importantes. Das Minas Gerais de Tancredo Neves, o apoio determinante veio de Aureliano Chaves, então vice-presidente da República, nome de peso no PDS e que, àquela altura, já não se dava com Figueiredo. Ao ser escolhido como vice, Sarney preferiu sair do PDS e se filiar ao PMDB, para evitar questionamentos na Justiça Eleitoral. A Frente Liberal não era ainda um partido, mas apenas um grupo dissidente do PDS.

Sarney também não era benquisto por Figueiredo. Essa antipatia do general, só conhecida pelo mundo político, foi exposta ao público no dia da posse, quando o presidente não fez a tradicional transmissão do cargo. Nos bastidores, ao saber que o vice assumiria, Figueiredo disparou:

“Para este filho da puta eu não passo a faixa. Deixo pendurada num cabide.”

E assim o fez.

No ato de posse no Congresso, até o discurso lido por Sarney fora escrito por Tancredo. O clima era claramente de animosidade. Sarney estava ansioso e inseguro e temia hostilidades. As lideranças do PMDB o viam como o presidente temporário e agiam certos de que Tancredo voltaria logo.

Era o mesmo isolamento que já sofrera durante a campanha presidencial – não havia eleição direta para presidente, mas os postulantes ao cargo rodavam o país. Uma foto do período traduz fortemente a distância que separava Sarney de Tancredo: para assistir em Belém à passagem da imagem de Nossa Senhora no Círio de Nazaré, uma das mais importantes festas religiosas do Brasil, Tancredo estava espremido por inúmeros políticos numa mesma janela. Na janela ao lado, Sarney assistia sozinho ao ato.

Instalado no Planalto, Sarney se esmerava na gentileza com a família do presidente internado. Diariamente telefonava ao hospital para receber notícias. Aécio Neves, o neto escolhido secretário-particular de Tancredo, afirmou anos depois que Sarney fora correto e nunca pareceu um “usurpador” do poder conquistado pelo avô.

Ao mesmo tempo que tentava manter aparente tranquilidade, Sarney vivia um drama pessoal. A insegurança era grande. Sua angústia só aumentava com o passar dos dias. Era grande a ansiedade. E só crescia a depressão que sofria desde 1982, mas que, naquela época, era assunto restrito à família.

Os dramas pessoais somados ao isolamento faziam com que ele se sentisse despreparado para a missão. Viveu por muitos dias, nos palácios do Planalto e da Alvorada, acompanhado apenas da mulher, dona Marly. E da visita dos filhos. Uma solidão que não passava, escreveu nos seus diários.

Quanto mais alto gritava o PMDB, mais baixo falava Sarney. Anos depois, distante do sofrimento daqueles dias, ainda entendia que naquele momento precisava demonstrar sua fraqueza diante do PMDB e de Ulysses:

“A fraqueza é a forma de reunir forças para ficar menos fraco.”

Em 2014, aos 84 anos, ao se despedir do terceiro e último mandato de senador pelo Amapá, falou da lição que tirou da experiência de chegar à Presidência daquela forma:

“É preciso ter tolerância, conciliação e humildade. E nunca querer passar por cima de ninguém.”

Em 1964, o jovem Sarney era mais afoito e tinha curiosidade sobre seu futuro político. Naquele ano, o golpe militar já era uma realidade, mas não se sabia ainda qual seria a decisão do general-presidente Castello Branco sobre a data das eleições para os governos estaduais. Neste cenário de indecisão, o então deputado federal marcou uma longa viagem até Araxá, em Minas Gerais, para se consultar com a vidente Maria dos Correios, a quem políticos mineiros recorriam antes de tomar suas decisões.

Com 34 anos, José Sarney queria saber da vidente se tinha chances de vencer a disputa pelo governo do Maranhão. “Se a eleição for em ano ímpar, você será governador; se for em ano par, perde”, disse-lhe ela. E acrescentou outro palpite: “Seu futuro é brilhante. Você será presidente da República”. Uma pregação comum das videntes nas consultas com os políticos.

Cheio de confiança, Sarney voltou para Brasília. Castello Branco marcou as eleições estaduais para 1965. Ele venceu a disputa, derrotando o grupo de Vitorino Freire que dominava a política

maranhense havia mais de vinte anos. Sarney era a novidade no estado, com o discurso de combate à corrupção e melhoria da qualidade de vida dos mais pobres.

Superstição é um sentimento muito presente na vida de José Sarney. Na vida pessoal e nas decisões políticas. Já na Presidência da República, ele tinha um interlocutor frequente para essas questões, o amigo e acadêmico Marcos Vilaça. Usar roupa marrom, botar coque de índio na cabeça, nem pensar, dizia Sarney. Nem pinguim na geladeira, completava Vilaça.

Horas de angústia

Em 1966, quando Sarney assumiu o governo maranhense, ganhou fama o documentário *Maranhão 66*, produzido pelo cineasta Glauber Rocha a pedido do próprio Sarney, enaltecendo a renovação que ele representava na política maranhense. Era, de fato, uma estrela em ascensão.

Mas vinte anos depois, em 1985, quando a segunda profecia de Maria dos Correios se confirmou, Sarney não representava a renovação. Pelo contrário. Até 1984, estivera ao lado dos militares que estavam sendo mandados de volta para casa depois de 21 anos de ditadura militar.

Motivos não faltavam para Sarney saber que não seria bem acolhido. Não apenas os motivos políticos, mas os de ordem pessoal também. Inseguro e tenso naquela noite de 14 de março, quando Tancredo foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília, Sarney resistiu em tomar posse, insistindo que o melhor seria esperar o titular do cargo. Acreditava que o presidente eleito logo estaria curado da diverticulite que o levava ao hospital. O que se seguiu foi uma longa e angustiante saga médica acompanhada por todo o Brasil.

Tancredo Neves era o homem talhado para a missão de fazer a transição para a democracia. Na sua ausência, naquele momento, ninguém representaria melhor o grupo político que ascendia ao poder do que Ulysses Guimarães, presidente da Câmara e do PMDB.

Sarney sabia que esse pensamento estava na cabeça de muitos naquela tensa madrugada do dia 14 para o dia 15 de março. Ciente das resistências ao seu nome, ele disse a Aluísio Alves, político do Rio Grande do Norte que seria ministro da Administração, escolhido por Tancredo:

“Aluísio, se a solução que eu vou propor não ferir a Constituição, prefiro que assuma a Presidência o deputado Ulysses Guimarães, até que o doutor Tancredo possa fazê-lo.”

Havia, no entanto, o temor de que um passo em falso pudesse comprometer o processo da redemocratização. Todo cuidado era pouco. Além da insegurança pessoal de Sarney, uma dúvida de ordem legal movimentou as reuniões da madrugada: se Tancredo não havia assumido, Sarney não era ainda o vice de fato. Falou-se até em dar posse ao titular no hospital, mas um parecer do jurista Afonso Arinos apostando na legitimidade da posse de Sarney contribuiu para o desfecho.

Ao ouvir do general Leônidas Pires Gonçalves a despedida com um “boa noite, presidente, até amanhã”, no meio da madrugada, Sarney teve a exata noção da importância daquelas palavras. O general que tomaria posse como ministro do Exército escolhido por Tancredo tinha autoridade e o respaldo dos militares.

Político tradicional e figura representativa de uma oligarquia nordestina, Sarney não desfrutava de convivência próxima com o novo grupo que estava chegando ao poder, mas nutria bom relacionamento com militares. Tomaria posse com o aval deles e do presidente da Câmara. Isso o tranquilizou um pouco.

O medo era perceptível por todos que se aproximavam dele. Uma coisa era ser o senhor do Maranhão e lidar com intrigas

paroquiais, patrocinar disputas locais; bem diferente seria governar o Brasil naquele momento delicado, com um PMDB forte no seu cangote.

Se Tancredo representava a renovação na política brasileira, Sarney era o oposto. Era o velho com seu jaquetão e bigode fora de moda e que simbolizava, em certa medida, a continuidade. Sua posse frustrava o sonho do Brasil que queria se livrar dos militares e seus aliados, recuperar a liberdade perdida nos anos de chumbo e colocar no comando do país os que ficaram por tantos anos banidos da política.

Chegar à Presidência da República foi o ápice, mas não o primeiro movimento brusco de sua carreira. Sarney era dado a guinadas políticas, sempre em busca de mais espaço. Logo depois da primeira disputa nas urnas, em 1954, ele trocou o PSD pela União Democrática Nacional (UDN), siglas rivais que o regime militar iria banir em 1965, junto com outras 11 legendas, para instaurar o bipartidarismo: Arena (PDS) e Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Seus movimentos políticos sempre foram pendulares, usando uma palavra leve para o que seus inimigos chamam de oportunismo. Estava sempre a abrir portas. Quando fechava uma, deixava a brecha para abrir outras mais adiante. Os filhos crescidos passaram a ser parceiros desse jogo.

O caçula Zequinha Sarney, deputado federal de vários mandatos e ministro do Meio Ambiente nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Michel Temer, esteve sempre onde Sarney não estava pelas circunstâncias, ou conveniências, do momento. Deputado pelo PDS, em 1984 votou pelo retorno das eleições diretas, quando os caciques do partido, entre eles o pai, estavam do outro lado, contra. Esse voto foi um ponto considerado na hora da escolha do vice de Tancredo.

Roseana Sarney, a primogênita e única filha que viria a ser deputada, governadora do Maranhão por quatro mandatos e senadora,

se destacou em Brasília, sem ser parlamentar ainda, na defesa do pai na Assembleia Constituinte, iniciando ali sua carreira política. Mais à frente, como deputada e dona de uma reconhecida habilidade para as negociações de bastidores, foi a voz de José Sarney durante o governo Collor, quando ganhou a fama de “musa do impeachment”.

Outras características moldaram o comportamento de Sarney na Presidência da República e em toda sua vida pública. O homem cordial, que é também amigo e leal, cedeu lugar muitas vezes a um Sarney vingativo. Não esquecia jamais uma traição. A vaidade, outra característica comum dos políticos, ele explicitava, até com certa extravagância, nos desfiles de descida e subida da rampa do Palácio do Planalto, nos aviões lotados de familiares, amigos e políticos para viagens ao exterior e nas missas que mandava rezar na capela do Palácio da Alvorada para convidados especiais.

É um homem culto. O escritor que nas conversas amenas, mesmo nos momentos políticos mais críticos, gostava de citar obras do Padre Antônio Vieira, um dos mais influentes oradores portugueses do século XVII, e seu apreço pelas biografias – sempre expressando nessas conversas o temor de como seria a dele no futuro.

A contradição, seja nos discursos, seja nos gestos, é também uma marca do político José Sarney. Um episódio ilustra esse comportamento: em 1986 ele enxergou, antes de outros de sua geração, que a política estava mesmo mudando e aconselhou o empresário cearense Tasso Jereissati:

“Você tem que se candidatar a governador, porque o mundo mudou e esses coronéis não entendem isso.”

Ele próprio não se livrou tão cedo das práticas do velho coronelismo.